



Director literario:

Augusto de Santa-Rita
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
 PAPUSSE


Os Anjos do Céu

POR

 AUGUSTO DE SANTA-RITA
 Desenho de EDUARDO MALTA

*Cada anjinho do céu é um bebê
 Que, à hora do recreio no P'raizo,
 A Virgem-Mãe, Jesus e São José,
 Enche com seu alegre e claro riso.*

*O menino Jesus que também é
 Um travesso bebê com pouco siso,
 Lá, só pensa em brincar—pula-lhe o pê!—
 Com os anjos—(meninos sem juizo.)*

*Jogam à cabra-cega, dão corridas,
 Saltam o eixo-ribaldeixo... hi-já!...
 Fartam-se de brincar às escondidas!*

*Quando no mundo algum bebê morreu,
 A sua alminha vai direita lá,
 E é um anjo mais para brincar no céu!*



O ACHADO DO LENHADOR

POR

MARIA LUIZA FONSECA

Desenhos de EDUARDO MALTA



ERA uma vez um pobre lenhador que a muito custo se podia sustentar e a sua mulher. Contudo, mesmo pobre como era, tinha um grande desgosto de não ter uma filhinha. Um dia foi o lenhador ver se arranjava alguma lenha na floresta, para vender.

Andou muito, até que anoiteceu.

O lenhador queria voltar para casa mas não sabia o caminho.

Resolveu esperar que amanhecesse, e, deitando-se, fatigado de tanto caminhar, adormeceu profundamente.

Alta noite, acordou sobressaltado. Parecia-lhe ter ouvido gritos.

Escutou, mas nada mais ouviu. Deitou-se de novo embrulhado na sua velha manta, todavia, por mais que fizesse, não pôde conciliar o sono. Só passado muito tempo conseguiu adormecer.

Quando acordou já os scintilantes raios de sol entravam pela floresta. Pôs-se a caminho, quando sentiu um choro de criança. O bom do homem, apesar de ir com bastante pressa, não deixou de indagar o que era. Quando chegou ao local donde partia a voz, viu uma linda menina dos seus três anos, que, na sua língua de trapos, contou que tinha sido ali abandonada por um homem de penas na cabeça. Condoído, o bom do lenhador, levou a pequenita para casa.

A mulher ficou louca de alegria quando viu a criança. Esta já embrulhada numa capa toda esfarrapada e tinha muito frio. A boa mulher tratou da pequena, agasalhou-a, e deu-lhe umas papinhas que a garota comeu com vontade.

Pouco depois adormeceu.

O lenhador sentou-se à mesa e comeu, satisfeito, a sua ceia pobre mas apetitosa. «Onde encontraste esta linda criança?» O lenhador contou, então, o que se tinha passado. No dia seguinte a petiza parecia estar muito satisfeita. Era muito meiguinha.

Passou-se bastante tempo sem que soubessem quem eram os verdadeiros pais da criança.

Um dia a Manuela, assim se chamava a menina, pediu a sua mãe adoptiva para irem dar um passeio pela floresta, ao que ela acedeu de boa vontade.

Arranjaram um farnel, e puzeram-se a caminho.

Quando lá chegaram, descansaram um bocado. Depois abriram o estojo onde levavam o farnel, e merendaram.

De súbito, ouviram um quebrar de ramos. Puzeram-se à

escuta, quando de repente vêm aparecer por detrás duma árvore um homem alto, com barba branca, que se lhes dirigiu. Cheias de terror, quizeram fugir, mas o homem aproximou-se e disse:

—«Manuela, tu és minha filha. Quando eras pequena, abandonei-te; vou contar-te tudo, para que me perdões!

Outrora, eu vivia numa tribo indiana; como era muito pobre, vi que não te podia ter ao pé de mim, pois os índios tratavam-me mal. Sabendo que morava perto um lenhador, homem muito bom, decidi abandonar-te. Mandei, então, um pele vermelha pôr-te aqui, esperando que o lenhador, dotado de bom coração, te recolhesse, o que sucedeu».

A jovem, cheia de alegria por conhecer seu verdadeiro pai, dependurou-se-lhe ao pescoço, chorando. O velho, continuou:

—«Tua mãe morreu, fiquei contigo, e fui então para a tribo indiana.»

O pobre velhote dizia isto, chorando.

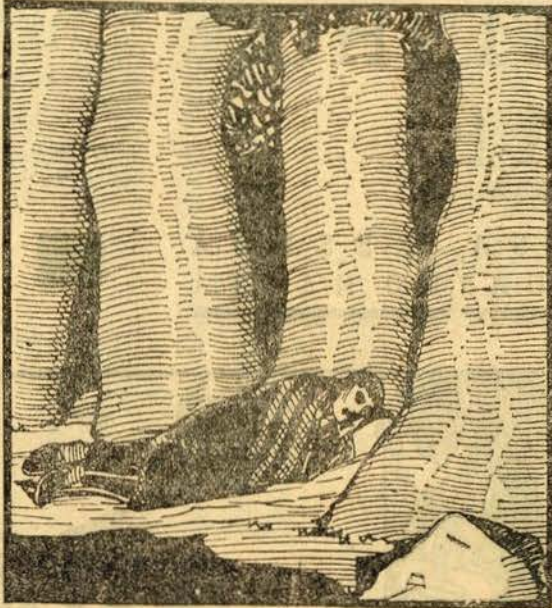
—«O meu querido paisinho, disse a rapariga, ainda está com os índios?»

—«Não. Puzeram-me fóra, e não tenho onde ficar.

A mulher do lenhador, que até aqui tinha estado calada, disse:



—«Visto não ter onde ficar, ficará em minha casa, com sua filha. Meu marido, certamente, terá muito gosto em conhecer o pai de Manuela, de quem tanto gostamos como



Quando chegaram a casa, contaram ao lenhador o que se tinha passado. Este, ficou contente de conhecer o pai de Manuela, e de lhe poder prestar auxilio. Ficaram todos vivendo juntos. Viviam agora felizes. Passado tempo, a Manuela casou, e levou para casa seu velho pai e os seus protectores, que tão bons tinham sido para ela.

Manuela, que era agora muito rica, nunca se esquecia dos pobres, e rezava todas as noites pelos lenhadores que, sendo tão pobres, a tinham protegido e recolhido seu pai.



se fosse nossa filha. Somos muito pobres, mas podemos dar-lhe ainda de comer.

O homem agradeceu muito à boa mulher, o que tinha feito pela filha, e puzeram-se a caminho para casa. Não se pode descrever a alegria de Manuela!

F I M

CORRESPONDENCIA

Alberto Osório — O teu conto: — O Pescador e seu filho, naufragou. Contudo revela qualidades de imaginação. Lança outra lancha aó mar que pode ser que chegue a Porto Salvo.

Maria Esméria Ferreira. Não chegou ao nosso poder o conto a que se refere. Mandê-o novamente ou qualquer outro que, se estiver em termos, será publicado. Não respondemos particularmente por falta de tempo. A estampilha que enviou reverterá a favor dos pobres se não mandar o contrário.

Fernando Marques da Silva. O teu conto fez-me arri-

piar os cabelos. Escreve outro que não seja horripilante e será publicado.

O desenho das charadas será publicado mas faltam as soluções.

António F. Côhen Sarmento — Agradecido pelos elogios ao nosso jornalzinho. A anedota sairá brevemente.

Sarah Gonçalves — Recebemos o teu conto e as adivinhas. Manda dizer a tua idade e envia as soluções.

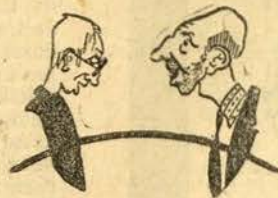
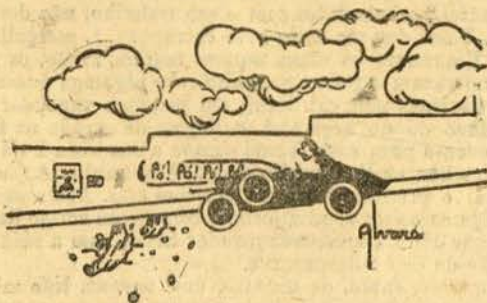
Romeu Heitor Mendes Ferrão — Algumas das tuas anedotas serão publicadas depois de corrigidas pois a composição, como dizes, vem muito precipitada.

Abilio José Teixeira — Recebemos os versos e as adivinhas. Falta-nos, porém, saber a tua idade.

Oswaldo Alving — Os versos que mandou revelar qualidades apreciáveis. Contudo são pouco acessíveis à compreensão infantil. Se conseguir enviar outros de forma mais translúcida, mais simples, serão publicados.

Vosso amiguinho — *Tio Paulo*.

ANEDOTAS ILUSTRADAS



O *chauffeur*: — O diabo das covas que não se desviam!

— Papá, o que é implantação?
— Implantação? Isso não pode ser rapaz, plantação é que é!

— Mamã, o que são obras primas?
— Obras primas, são aquelas cujos autores são irmãos...

A NOVENA DO PRETINHO TOMÉ

POR MARIA ROSA RESEDÁ
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



ERA muito triste a vida do pretinho Tomé. Órfão de pai e mãe, tinha sido trazido de África por um casal, que tencionava, mais tarde, fazer dele criado da casa. Trataram-no bem; mas um dia, a morte, visitou-os com pouco intervalo, deixando o pretinho ao desamparo. Tinha ele, então, oito anos. Tão pequenino ainda, sem conhecer nada do mundo, sem ter ninguém, Tomé, sentia-se desanimar.

De dia percorria as ruas da cidade, mendigando aqui e ali um pouco de pão para matar a fome, e, à noite, dormia na rua, ao frio e à chuva. Os garotos batiam-lhe, troçavam-no, chamavam-lhe «escarumba», e, quando passavam por ele, fingiam que espirravam: — «atchim preto!» Mas o pretinho pouco se importava com isso; o que ele queria era arranjar um modo de vida, deixar de ser um mendigo. Outra tristeza veio aumentar-lhe o desânimo.

Em casa dos patrões tinham uma grande devoção a Nossa Senhora. O pretinho ouvira dizer que a Mãe do Céu (ele chamava-lhe assim) gostava muito de todos, mas, sobretudo, das crianças que não tinham mãe. Ficava muito contente porque, assim, a Mãe do Céu devia gostar muito dele, não estava tão desamparado. Ora um dia, já depois da morte dos patrões, disseram-lhe que Nossa Senhora não gostava



dos pretos, que os desprezava. Ao princípio Tomé não acreditou, mas tanta coisa lhe inventaram que ficou convencido. Já que a Mãe do Céu não gostava dele, por ser preto, a sua idéia fixa era tornar-se branco. E desde esse momento o seu pequenino cérebro matutava, matutava, sem achar a solução para o caso. Era a sua maior tristeza. Confiou o seu desgosto a uns garotos, que pareciam mais humanos para ele, e os rapazes resolveram logo pregar-lhe uma partida. Disseram-lhe que sabiam de uma coisa que branqueava a pele mais negra, e o pretinho, como era de muito boa fé, acreditou. Dirigiu-se, seguido da garotada, para um sítio onde estava uma grande tina cheia de cal.

Os pedreiros, entretidos com o seu trabalho, não deram por eles. Tomé deu um salto e... catrapuz!... mergulhou na tina. Enquanto os maus rapazes fugiam, rindo, os pedreiros retiravam o pobre pretinho com algumas queimaduras produzidas pela cal. Raul, um pequeno vendedor de jornais, teve dó do negrinho, e, depois de curado na farmácia, levou-o para casa. Tomé contou a sua vida à tia de Raul, uma boa mulher muito amiga do sobrinho. A partir desse dia, o pretinho ficou a viver com eles. Agora já ganhava alguma coisa; vendia jornais como o seu amigo Raul. Mas, apesar disto, continuava a andar triste, com a idéia de que a Mãe do Céu o desprezava.

Lembrou-se, então, de lhe fazer uma novena. Não sabia bem como era. Só se recordava que, em casa dos patrões, rezavam durante nove dias. O pior, é que ele não sabia rezar; aprendera, apenas, a benzer-se. Talvez que, escrevendo num bocado de papel o que queria, e indo pô-lo no altar de Nossa Senhora, Ela atendesse o seu pedido. Depois, du-



A avó e as adivinhas

POR GRACIETTE BRANCO
DESENHO DE EDUARDO MALTA



— « Qual a cousa,
qual é ela,
que assim que pouso
na casa
Se fica logo à janela?... »

— « ...? Que assim que pouso
na casa
se fica logo à janela?!... »

Que é? Que é, avòzinha?
Acaso será a asa
dalguma rôla
espertinha

ao entrar numa gaiola?

— Não é avòzinha? Não?
Avòzinha: dize, então...
mata a nossa anciedade...

— « ... Tolinhos: é um botão!... »

— Ah! É verdade! É verdade! »



— ? Qual a cousa,
qual é ela,
cai no chão

fica amarela? »

— « ... Nat'ralmente a Mimi Sousa,
quando caiu da janela... »

— « Não, senhor, que idéa essa!
Tal idéa não lhes louvo! »

— « Então, não sei! Diz' depressa!
Anda, avòzinha
lindinha... »

Mata a nossa anciedade!... »

— « Meus tolinhos: é um ôvo... »

— « Ah! É verdade! É verdade! »



— « Bom. Agora,
qual de vós
me diz uma muito linda? »

— « Eu não sei... »

« Eu também não... »

« Eu também não sei nenhuma... »

— Nós
não sabemos, Avó!

Vê tu se sabes, João?...
E tu, e tu, ó Lóló?... »

— «Sei eu uma! Sei eu uma!
Inda

Há talvez uma hora,
me fez a grande mercê
de ma dizer a Tátá»

— «Schiu! Silêncio. Vamos lá...»

— «Alto está,
Alto mora.
Ninguém o vê!
Tudo o adora! —»

— «... Mas que será? Que será?...»

— «Avòzinha; tu não sabes?

Olha; é...» «Cala-te. Espera.
Será... será... — ;quem me dera,
adivinhar, filhos meus!

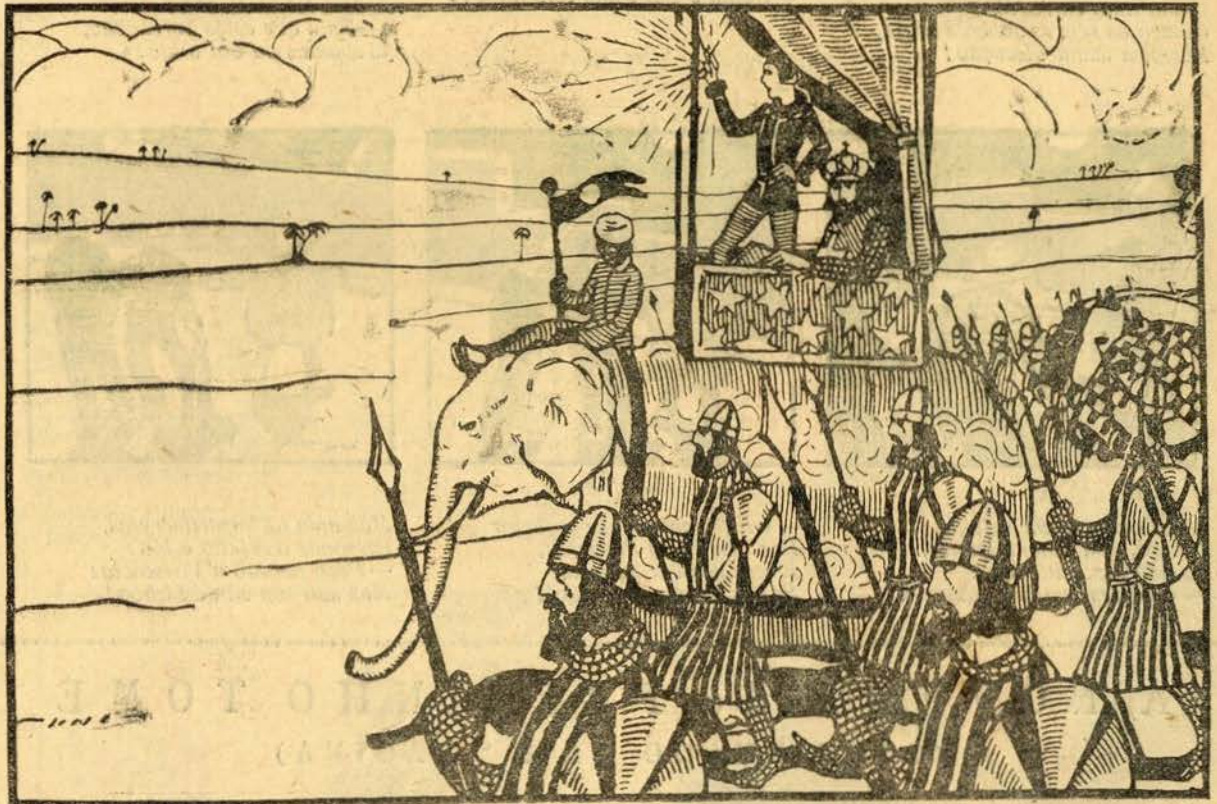
... Ora... — Alto está... Alto está...
— Não sei. Não sei. Dize lá.»

— «Mas, minha Avòzinha... é Deus!»

F I M

BIBLIOTECA
PIM-PAM-PUM!

V
VOLUME



Uma das 40 gravuras do livro à venda

O P A P A G A I O
A Z U L

CAMOECA E «ZÉ» ARDINA

(DUMA ANEDOTA)



Certa noite de luar,
Camoeca e Zé Ardina
Puzeram-se a conversar
Num largo ao pé duma esquina.

Após beberem imenso
Vinho tinto carrascão,
Contra as regras do bom senso,
Rompem numa discussão!



Zé Ardina, embriagado,
As coisas já confundindo,
Mira a lua e diz pasmado:
— «Olha o Sol como está lindo!»



Camoeca como um cacho,
Com uma enorme perua,
Brada logo: — «estás borracho!
Não é o sol é a lua!!»

Mas sempre em contradição,
Ardina teima na sua:
— «Tu é que estás borrachão,
Já chamas ao Sol a lua!»



Nisto aparece um sujeito...
E logo, sem mais toleimas,
Ardina diz, satisfeito:
— «All vem um tira teimas!»



— «Este senhor, que a fumar
Faz lembrar o Ravachol,
E' que nos vai informar
Se é a lua ou se é o Sol!»



Mas ante as impertinências,
Responde o sujeito à toa:
— Peço perdão-a Vossências
Mas não sou câ de Lisboa!

A NOVENA do PRETINHO TOMÉ

(CONTINUADO DA 8.ª PÁGINA)

Foi buscar uma Nossa Senhora pequenina e deu-lha, dizendo:

Esta é igual à outra; a única diferença é ser mais pequena. Podes levá-la para casa.

Os olhos de Tomé brilharam de alegria. Pegou-lhe com com todo o geito e saiu da igreja, radiante. Não tinha andado vinte passos, quando foi cercado por um grupo de garotos.

— «Olá, escarumba! Deixa ver o que levas aí!...»

Tomé quiz fugir; mas eles agarraram-no e tiraram-lhe a Nossa Senhora, fugindo em seguida. O pretinho correu atrás deles. Mas, como era mais pequeno, em breve os perdeu de vista. Então, a todos que passavam, perguntava, chorando:

— Viram a Mãe do Céu?

Os transeúntes olhavam-no suprezo e continuavam o seu caminho, sem lhe dar resposta. Tomé depois de muito an-

dar voltava desanimado, quando, de repente, a viu caída no passeio. Soltando um grito de alegria, ergueu-a do chão e, sem mais incidentes, chegou ao seu destino. Escurecera por completo; e em casa já todos dormiam. Tomé dirigiu-se para o quarto que compartilhava com o pequeno vendedor de jornais. Chamou por êle:

— Raul, ó Raul!...

Mas Raul, resmungando, voltou-se para o outro lado e continuou a dormir. O pretinho, desistindo, colocou a Nossa Senhora sobre uma meza, ao pé da cama, e depois deitou-se. Largo tempo esteve acordado a contemplar a Mãe do Céu. Por fim, o João Pestana fez-lhe a sua visita. E o pretinho adormeceu contente e feliz porque... já tinha Mãe!

F I M